

com rigor metódico e paciência beneditina, resgata para a memória nacional cento e cinquenta anos de vida do Poder Legislativo do Estado de Santa Catarina, que parecia irremissivelmente perdidos com a destruição de seu arquivo no incêndio de 1956. O Arquivo Público do Estado; o acervo da Câmara Municipal do Desterro, hoje depositado na Biblioteca Central da UFSC; a Biblioteca Pública do Estado, com suas valiosas coleções de periódicos catarinenses, desde o Império; o Centro de Documentação e Arquivo da Câmara dos Deputados em Brasília; o Tribunal Regional Eleitoral; foram todos objeto de acurada pesquisa, o que torna o trabalho rico em fontes primárias. A bibliografia específica, invocada pelo A., Comparece devidamente comentada. A parte iconográfica é rica e os mais interessantes documentos são reproduzidos. Constitui, portanto, todo o conjunto um respeitável volume, da maior utilidade prática para os estudiosos da matéria e é, agora, sem sombra de dúvida, o melhor aporte do gênero, entre nós.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis, Ed. UFSC, Assembléia Legislativa, 1984. 204p., il.

Sandra Maria Lubisco Brancato*

A obra de Marli Auras chama particular atenção não só por tratar do importante episódio da Guerra do Contestado, tema ainda pouco estudado, mas também pela interessante abordagem que dá ao mesmo. Enquanto a historiografia tradicional considera que a Guerra do Contestado (1912-1916) não passou de uma agitação promovida por um grupo de fanáticos, a A., fazendo uma análise mais ampla do conflito, prova que este foi o resultado de uma profunda alteração de ordem política, econômica e social ocorrida no planalto catarinense. A referida mudança afetou sensivelmente o equilíbrio social existente até então entre os chamados “coronéis” da região do Contestado e a população cabocla. Rompido o equilíbrio, os caboclos buscaram uma nova forma de organização, uma nova identidade que, uma vez alcançada, não mais se ajustou às necessidades da classe dominante representada pelos “coronéis”.

O marco teórico-metodológico do estudo de Marli Auras está organizado a partir de algumas conceituações de Gramsci referentes à educação. Como ela mesma explica, “a educação é percebida por Gramsci como um processo presente, concreto, que busca tornar hegemônica uma dada visão de mundo, ou seja buscar ser conseqüente politicamente.” (p.17) O movimento dos caboclos do Contestado insere-se, para a A., neste contexto.

No primeiro capítulo da obra é feita uma análise da situação econômica da região do Contestado, área de aproximadamente 28 mil km² ao sul do Rio Iguaçu e norte do Rio Uruguai, cuja jurisdição era reclamada tanto pelo governo de Santa Catarina como do Paraná e que por tal razão era conhecida pelo nome de Contestado.

A maioria dos caboclos concentrados nesta região dedicava-se à criação de gado e à produção de erva-mate, atividades estas que, em 1905, entram em decadência.

O grupo social majoritário no Contestado era formado pelos ervateiros que, apesar da crise enfrentada, ali permaneceram mantendo um vínculo com os “coronéis” da região a quem estavam ligados por razões de ordem econômica e por laços de compadrio que solidificavam um sistema de dominação.

É neste ambiente que se vai formar a irmandade de João Maria, monge que aparece no Contestado em 1890. Este monge, e mais tarde seu herdeiro espiritual José Maria, trazia uma nova proposta de vida, uma nova visão de mundo, “onde ‘tudo é irmão, irmã’ e onde ‘quem tem mói, quem não tem mói também’ e no fim todos ficarão iguais” (p.171). Tal proposta terminou abalando o sistema de dominação.

A desestruturação da relação antes cordial entre “coronel” e caboclos é agravada, a partir de 1906, quando duas empresas estrangeiras se estabelecem na região do Contestado: a Brazil Railway Company, que se ocupará da construção de uma estrada de ferro entre São Paulo e o Rio Grande do Sul, e a Southern Brazil Lamber Company que se dedicará a extração de madeira.

A Brazil Railway contratou operários para a construção da estrada de ferro em vários Estados brasileiros. As condições de trabalho oferecidas eram péssimas, e uma vez terminadas as obras estes operários não foram reconduzidos aos seus Estados de origem, vindo a engrossar a população marginalizada que já se acumulava no Contestado.

As serrarias da Lamber, além de não absorverem a mão-de-obra ociosa da região, ocasionaram, com a concorrência, uma grande crise para a pequena indústria local. A presença de imigrantes nesta mesma área agravou ainda mais a situação dos caboclos que foram sendo sistematicamente expulsos por aqueles.

Neste contexto os “coronéis” aparecerão como “interlocutores” das novas forças que se vão impondo no Contestado, acentuando assim seu distanciamento dos caboclos.

No segundo capítulo de sua obra, Marli Auras expõe como aos poucos vai se organizando a irmandade cabocla em oposição aos interesses dos “coronéis a quem não interessava a formação de um grupo coeso, com uma lide-

rança definida e que poderia, em algum momento, ser manobrado contra eles. A reação frente a irmandade logo se fez sentir.

Com farta documentação e profundo conhecimento da índole da gente que integrava a comunidade do Contestado, a A. estuda ainda a mobilização dos caboclos para a luta e a agressividade com que responderam aos ataques desfechados contra eles. A conclusão a que chega é que o empenho com que se dedicaram à luta não se explica pelas razões comumente divulgadas. Não era, por exemplo, uma opção política consciente pela monarquia que os animava a lutar, conforme querem alguns. Monarquia para aquela gente miserável e inculta do Contestado era apenas a idealização de uma nova ordem que deveria prevalecer, diferente daquela que os oprimia, representada pelo poder dos "coronéis", da estrada de ferro, da Lamber e dos imigrantes.

Existem ainda outras versões que relacionam o movimento com o conflito existente entre os Estados de Santa Catarina e Paraná na disputa pela região do Contestado. Também fica provado que a questão de fronteira pouco significava para os rebeldes. Há apenas a coincidência de que a irmandade de José Maria tenha se organizado na área litigiosa.

Na medida em que a A. vai caracterizando o conflito entre os rebeldes e as forças oficiais, são delineadas com mais nitidez as verdadeiras razões que explicam a organização da irmandade e a agressividade de seus membros.

A presença do líder, seu caráter místico como elemento de ligação entre os integrantes da irmandade e o monge José Maria, morto num dos primeiros enfrentamentos com as tropas oficiais, foi decisivo para manter o grupo unido, defendendo sua proposta de vida, apesar das dificuldades que se apresentavam. A A. salienta muito bem que mesmo a perspectiva da morte em combate, situação presente no cotidiano dos rebeldes, não esmorecia seu ânimo. Morrer significava passar a integrar o Exército de São Sebastião, formado pelo monge e os companheiros já falecidos. Este exército viria um dia para salvar a todos.

O sentido comunitário que caracterizou a vida nos diferentes redutos que se organizaram, também contribuiu para manter o grupo unido e disposto a rejeitar qualquer proposta conciliatória que implicasse em uma renúncia de seus valores.

A resistência cabocla só foi sendo vencida quando as tropas federais, comandadas pelo General Setembrino de Carvalho, conseguiram isolar os redutos dos fornecedores de armas e alimentos. Dizimados pela fome, sem condições de combate, os caboclos terminaram se dispersando.

No terceiro e último capítulo de sua obra, Marli Auras, retomando algumas situações já analisadas no capítulo II, demonstra como a relação

entre os monges, os líderes da comunidade e os caboclos estabelece o aprendizado de alguns valores e normas de vida que passaram a nortear o dia-a-dia dos caboclos. Tal relação e o conseqüente aprendizado caracterizam o que a A. chama de “especificidade pedagógica” da guerra do Contestado.

Com a intensificação dos ataques aos redutos “a possibilidade de articulação da visão de mundo dos caboclos começa a ser exaurida.” (p.167) Será pela violência, pela coerção, e não mais através de um relacionamento fraternal, que Adeodato, último comandante geral do movimento, tenta manter o vínculo religioso – parte integrante da visão de mundo dos caboclos – que até então os mantivera unidos. Tal circunstância desfez em definitivo o caráter pedagógico do movimento e a própria comunidade cabocla.

Na obra de Marli Auras, fica demonstrado que os seguidores de José Maria tentaram impor seus valores numa sociedade hostil, onde imperava uma ordem capitalista altamente coercitiva. As condições adversas impediram os caboclos de concretizar seus ideais, evidenciando que sua coletividade não tinha “a mínima condição de romper a expansão das relações capitalistas, dentro das quais emergiu toda sua insatisfação e toda a sua rebeldia.” (p.170)

Finalmente, é importante ressaltar que a obra de Marli Auras oferece uma válida sugestão de como chegar a novas conclusões em torno de um acontecimento histórico, utilizando não só fontes primárias, mas também informações divulgadas e já trabalhadas por outros autores. Por este particular, esta obra deverá interessar muito especialmente aos alunos dos cursos de mestrado e doutorado que, muitas vezes, encontram dificuldades para selecionar as fontes a serem utilizadas na organização de suas respectivas dissertações e teses.

*Departamento de História da PUC-RS – Porto Alegre.